

O acompanhamento pedagógico nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: o que as orientações legais endereçam para o encontro professor e pedagogo?

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2023.21.3.7861>

Tânia Mara Vitaczik Campanucci¹, Eder Paulo Pereira², Marilize Cristiane Nogas Pudelco³, Luciane Ferreira Mocrosky⁴

Resumo: Este artigo expõe um estudo qualitativo de orientação fenomenológica que buscou compreender possibilidades para o encontro entre o pedagogo e o professor nas escolas da Rede Municipal de Educação de Curitiba, guiado pela interrogação: ‘O acompanhamento pedagógico nas escolas da RME de Curitiba: o que as orientações legais endereçam para o encontro professor e pedagogo?’ Os estudos realizados para este artigo se estabeleceram com base no caderno pedagógico “Subsídios à Organização do Trabalho Pedagógico nas Escolas da RME”, de 2012, e no Decreto n. 1313/2016, ambos instrumentos estabelecidos para a RME de Curitiba. Tais documentos foram articulados ao Parecer CNE/CP n. 5/2005, à Resolução CNE/CP n. 1/2006 e com autores que tematizam este assunto. Para explicitar as compreensões desta leitura interpretativa compreensiva, nos valem da hermenêutica. Assim, em movimentos de leitura, compreensão, interpretação e comunicação do visto, constatamos não haver explicitamente aberturas ao encontro entre pedagogo e professor, mas vislumbramos possibilidades pelo cuidado, no estar junto com o outro, numa postura atenta de escuta.

Palavras-chave: Orientações legais, Rede Municipal de Educação de Curitiba, Acompanhamento pedagógico.

The pedagogical follow-up in the schools of the Curitiba Municipal teaching network: what do the legal guidelines address for the teacher-pedagogue meeting?

Abstract: This article presents a qualitative study with a phenomenological orientation that sought to understand possibilities for the encounter between the pedagogue and the teacher in the schools of the Municipal Education Network of Curitiba, guided by the question: 'Pedagogical monitoring in the schools of the RME of Curitiba: what do legal guidelines address the teacher and pedagogue meeting?' The studies carried out for this article were established based on the pedagogical notebook “Subsidies to the Organization of Pedagogical Work in RME Schools”, from 2012, and Decree no. 1313/2016, both instruments established for the Curitiba RME. These documents were articulated in CNE/CP Opinion no. 5/2005, to Resolution CNE/CP n. 1/2006 and with authors who discuss this subject. To explain the understandings of this comprehensive interpretative reading, we use hermeneutics. Thus, in movements of reading, understanding,

¹Doutoranda em Educação Matemática pela UTFPR. Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. E-mail: tamavica@gmail.com

²Doutorando em Educação Matemática pela UTFPR. Secretaria Estadual de Educação do Paraná. E-mail: pereiraederpaulo@gmail.com

³Doutoranda em Educação Matemática pela UTFPR. Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. E-mail: marilizenogas@gmail.com

⁴Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista - Campus de Rio Claro (UNESP). Professora da UTFPR e do Programa de Pós-Graduação em Formação Científica, Educacional e Tecnológica (PPGCET-UTFPR). E-mail: mocrosky@gmail.com

interpreting and communicating the visa, we found that there were no explicit openings for the encounter between pedagogue and teacher, but we glimpsed possibilities through care, in being together with the other, in an attentive posture of listening.

Keywords: Legal guidelines, Curitiba Municipal Education Network, Pedagogical monitoring.

Introdução

A história da educação brasileira, vista pelas lentes da legislação, mostra o curso de Pedagogia pela sua multiplicidade formadora, sendo a docência nos anos iniciais da Educação Básica a incumbência que mais se destaca no trabalho do pedagogo e nas intenções formativas de muitos projetos pedagógicos (BAUMANN, 2009; MALDANER, 2020). Entretanto, a ação conjunta com os docentes para que o ensino assuma uma posição transformadora vem movimentando diferentes discussões e trazendo reflexões sobre o papel do pedagogo na escola.

Discussões atuais vêm apontando uma necessidade explícita do pedagógico na escola, marcando o interesse pelo pedagogo na rotina educacional, para além da docência (BAUMANN, 2009; MALDANER, 2020; CAMPANUCCI, 2021). Neste caminho, vem se destacando o acompanhamento pedagógico junto ao professor, embora a ação deste profissional, evidenciada pelas experiências dos autores, tenha se dado muito mais em atividades burocráticas e de urgências disciplinares (CAMPANUCCI, 2021).

Da mesma forma, pelos corredores da escola, muitas vezes ecoam falas de um pedagogo que, por não conhecer o conteúdo específico das disciplinas escolares, pouco pode agregar em um encontro com o professor. Firma-se, portanto, a presença do pedagogo como mediador de indisciplina, revelando um desacerto que pode ser reflexo da formação inicial. Esta, por uma vertente histórico-legal, anuncia a multiplicidade deste profissional, como aponta o Parecer CNE/CP n. 5/2005, que propôs uma nova estrutura para o curso de Pedagogia com

[...] núcleo de estudos básicos, núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos e núcleo de estudos integradores. Estes núcleos foram pensados para que o curso possa promover a este profissional a capacidade de: cuidar, educar, administrar a aprendizagem, alfabetizar em múltiplas linguagens, estimular e preparar para a continuidade do estudo, participar da gestão escolar, imprimir sentido pedagógico a práticas escolares e não-escolares, compartilhar os conhecimentos adquiridos em sua prática (BRASIL, 2005, p. 14).

Com o referido parecer, a atuação multidisciplinar do pedagogo se reafirmou sem a premissa explícita do encontro professor e pedagogo ou atribuições que marcassem o fazer pedagógico do pedagogo com o professor.

Após a promulgação do parecer, no ano de 2006, pela Resolução CNE/CP n. 1/2006, se instituí as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia. Nestas, foram evidenciadas atribuições para egresso do curso, como

[...] VI - ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano; [...]
XII - participar da gestão das instituições contribuindo para elaboração, implementação, coordenação, acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico; [...] (BRASIL, 2006).

A resolução aponta ações pedagógicas para além da docência, mas não revela o estreitamento dos laços entre pedagogo e professor, possibilitados pelo acompanhamento pedagógico no encontro entre eles.

Neste sentido, evidencia-se que a Pedagogia como curso, foi circundada por incertezas de seu propósito. Frente ao contraditório campo de atuação e formação de seu egresso, nos inquietamos e nos colocamos no movimento de compreender como na RME de Curitiba acontece o encontro entre professor e pedagogo.

Para isso, realizamos uma revisão de literatura, em uma abordagem hermenêutica-fenomenológica nos documentos norteadores da RME de Curitiba, sendo estes: o caderno pedagógico denominado “Subsídios à Organização do Trabalho Pedagógico nas Escolas da RME” (2012), que traz em seu bojo subsídios a organização do trabalho pedagógico do pedagogo para atuação nas escolas da RME de Curitiba e o Decreto n. 1313/2016 (Curitiba), que alterou o Decreto Municipal n.º 35 de 14 de janeiro de 2016, na parte referente às atribuições de Pedagogia Escolar do cargo de Profissional do Magistério da Administração Direta, o Parecer CNE/CP n. 5/2005 e a Resolução CNE/CP n. 1/2006. Estes instrumentos legais trouxeram consigo marcas antigas, das discordâncias e concordâncias sobre a Pedagogia e o pedagogo, mas não as findaram. Ao contrário, abriram outros cenários que refletem nas formas de organização do trabalho do pedagogo, bem como, nos documentos norteadores das redes de ensino de modo geral.

Ao nos debruçarmos sobre os documentos, buscamos possibilidades para o encontro entre professor e pedagogo nas escolas da RME de Curitiba e estes mostraram que, ao longo dos anos, a preocupação com o acompanhamento pedagógico, como função

do pedagogo, não foi sendo explicitada em trajetos formativos do curso de Pedagogia, muito embora o acompanhamento pedagógico tenha se mostrado como demanda advinda das escolas.

Metodologia

O vivido cotidianamente na escola vem destacando diferentes desafios para pensar a prática pedagógica, mostrando e ao mesmo tempo escondendo uma trama complexa, que fala, mas não diz a quem vem o pedagogo, envolvendo professor, aluno, conteúdo acadêmico, família, enfim, a comunidade escolar a ser compreendida e trabalhada na escola.

Neste sentido, para dizer a quem vem o pedagogo, perseguimos a interrogação: ‘O acompanhamento pedagógico nas Escolas da RME de Curitiba: o que as orientações legais endereçam para o encontro professor e pedagogo?’, buscando significados e sentidos do pedagogo na escola a partir da leitura interpretativa compreensiva realizada nos documentos eleitos, tendo a Hermenêutica como guia, considerando que,

[...] a interpretação Hermenêutica não se atém a uma interpretação estrutural do texto, olhado sob a perspectiva da análise linguística, mas procura pelo significado do texto no contexto em que ele emerge, nas experiências vividas por aquele que o lê e o interpreta, tanto a luz do seu real vivido como a do encontro histórico dessa vivência e da tradição. Sendo assim, a interpretação vem a ser um fenômeno epistemológico e ontológico, uma vez que leva a percorrer os caminhos da construção do conhecimento, os quais, por sua vez, conduzem a compreensão da realidade, interpelando-a e interrogando o próprio significado de verdade (BICUDO, 1991, p. 64).

Com os textos de estudo em mãos, à luz da interrogação, destacamos trechos que de algum modo, poderiam abrir a possibilidades de compreensão sobre. Estes recortes significativos foram interpretados com o apoio de dicionários de filosofia e de língua portuguesa, em diálogo com a legislação e com autores que tratam do tema.

Fundamentação teórica

A leitura interpretativa compreensiva mostra que talvez o acompanhar como atribuição do pedagogo expresso pela RME de Curitiba tenha permanecido em nossos dias pelo viés da história, considerando que a

História da Educação fornece aos educadores um conhecimento do passado coletivo da profissão, que serve para formar a sua cultura profissional. Possuir um conhecimento histórico não implica ter uma

ação mais eficaz, mas estimula uma atitude crítica e reflexiva (NÓVOA *apud* CAMBI, 1999, p. 13).

Aranha (2006) diz que a expressão pedagogo possui derivação da palavra Pedagogia, que advém das palavras *paidós*, que significa crianças, e *agogé*, condução. Por esse caminho, o *paidagogo* era uma pessoa designada a cuidar e ensinar as crianças, nomeado inicialmente como

[...] escravo que conduzia a criança, com o tempo o sentido do conceito ampliou-se para designar toda teoria sobre a educação. [...] os gregos esboçaram as primeiras linhas conscientes da ação pedagógica e assim influenciaram por séculos a cultura ocidental (ARANHA, 2006, p. 67).

Saviani (1985) também aborda entendimento do pedagogo como quem tem por ofício a condução à cultura. Leva em consideração a ideia de que os preceptores gregos eram possuidores de cultura e a estes era confiada a educação dos filhos. Assim, o pedagogo era responsável pela organização e acesso à formação cultural e do conhecimento, pois dominava métodos, formas de ensino, subjugando o conhecimento pedagógico (SAVIANI, 1985).

Ainda para Saviani (2012), a Pedagogia como ciência não revelava seu significado na jornada histórica do termo ‘pedagogia’ e nem de ‘pedagogo’, originado do latim “*paedagogatus*” (educação e instrução) e “*paedagogus*” (aquele que conduz, preceptor, mestre, guia). Para ele, o termo Pedagogia assumia por vezes um significado depreciativo de mestre pedante, autoritário e pobre de espírito. O autor explica que no século XIX o termo ‘pedagogia’ se generalizou quando passou a designar “a conexão entre a elaboração consciente da ideia da educação e o fazer consciente do processo educativo” (SAVIANI, 2012, p. 6).

Ao escutar os autores, constatamos que durante muito tempo o pedagogo restringia-se a fazer coisas, marcado por funções dicotomizadas entre o intelectual e o manual, e que talvez ainda hoje possa ser vista na relação da teoria e prática, no fazer pedagógico da relação professor-pedagogo. Para Libâneo (2010), “o pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não-formal” (LIBÂNEO; PIMENTA, 2010, p. 28), ou seja, o “pedagógico” permeia todas as ações das escolas, assim, nos perguntamos: qual o foco da Pedagogia?

Em Saviani (2008), a Pedagogia se mostra uma “[...] questão dos métodos, dos processos” (SAVIANI, 2008, p. 74), e considerando as formas de desenvolvimento do

trabalho pedagógico, que trata [...] da organização dos meios (conteúdos, espaços, tempo e procedimentos) através dos quais, progressivamente, cada indivíduo singular, realize, na forma da segunda natureza, a humanidade produzida historicamente (SAVIANI, 2008, p.14).

Na continuidade, ouvimos Libâneo e Pimenta (2005), para entender que o pedagogo

[...] é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa dos saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica (LIBÂNEO; PIMENTA, 2005, p. 52).

A história nos permitiu aproximar compreensões da origem da Pedagogia na tentativa de compreender as marcas trazidas para os dias atuais. Assim, permaneçamos na escuta dela:

Na antiguidade, aos demônios cabia uma função mediadora entre deuses e os homens. O Demiurgo de Platão encarrega as divindades inferiores ou demônios de criar as gerações mortais e completar a obra da criação. Plotino diz que os demônios são eternos, em relação a nós, servindo de “intermediários entre deuses e nossa espécie”. Mitra era concebido como mediador, mais precisamente como mediador entre divindade inatingível das esferas etéreas e o gênero humano. Enfim, segundo a doutrina cristã, “somente a Cristo compete ser mediador de modo simples e perfeito” (ABBAGNANO, 2007, p. 655).

Quem seria o “demônio” na relação professor e pedagogo? A que viria este “demônio” na atualidade? Seria um “demônio” que pode assombrar ou aquele ser que atormenta para não deixar parar, estagnar, que está sempre fazendo algo pulsar?

Em algumas definições, olhamos a mediação pela raiz da média, do intermediário, algo que tira prova de ideia ou validação de um ponto de vista quando se encontram divergências ou como a habilidade de interceder por outro ou algo. Se compreendermos os pedagogos/demônios como mediadores, quais seriam os requisitos para o encontro com os professores?

Na RME de Curitiba, o pedagogo necessita cumprir alguns requisitos para atuar nas escolas e, em consequência, encontrar o professor:

A - REQUISITOS FÍSICOS: Postura física assumida: sentado, agachado, em pé, andando. Deslocamento: na horizontal. Discriminação visual e auditiva. Uso da voz. B- REQUISITOS PSICOLÓGICOS: Atenção concentrada: capacidade do indivíduo em selecionar um estímulo diante de muitos outros e conseguir voltar e manter sua atenção para o estímulo selecionado pelo maior intervalo de tempo, de modo a conseguir rendimento e qualidade na tarefa realizada.

Atenção dividida: capacidade para manter a atenção com qualidade e concentração entre dois estímulos ou mais. Memória: capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis. Expressão oral e escrita: habilidade de comunicar-se verbalmente e por meio de escrita, estabelecendo a compreensão e a produção de conhecimento. Habilidade social: capacidade de relacionamento interpessoal adequado, comunicando-se de forma assertiva nos diferentes grupos sociais. Tolerância à frustração: capacidade de suportar tensão resultante de um acúmulo de exigências, bem como, expectativas não passíveis de satisfação. Adaptabilidade: capacidade de o indivíduo adaptar seu comportamento às diversas situações, equilibrando às normas de convivência no espaço das relações institucionais e interpessoais. Controle emocional: habilidade de reconhecer as próprias emoções diante de um estímulo, controlando-as de forma que não interfiram em seu comportamento/atendimento (CURITIBA, 2016, p. 13).

Nos requisitos físicos apresentados para atuação do pedagogo, vislumbramos uma abertura, se compreendermos a discriminação auditiva para além do aspecto físico. Isso quer dizer uma escuta, para além de perceber apenas estímulos sonoros, mas uma escuta que possibilita uma postura acolhedora (HEIDEGGER, 2002).

Escutar, no sentido aqui discutido, significa, a disponibilidade por parte do sujeito que escuta para abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me por, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das ideias (FREIRE, 2004, p. 119).

Desta forma, se nos ocupamos e preocupamos com o pedagogo no acompanhamento pedagógico junto ao professor, a mediação necessita ultrapassar o individualismo. A mediação mostra-se como possibilidade para o encontro, pela escuta e pelo cuidado.

Neste sentido, “[...] para a fenomenologia do cuidar, é existir, é cuidar do ser; é cuidar de ser-si-mesmo e cuidar de ser-com-outros; é existência na coexistência, modo como o ser que se preocupa com os outros” (PEIXOTO; HOLANDA, 2011, p. 7). Assim, professor e pedagogo com uma postura acolhedora podem estar juntos com a mesma intencionalidade, ambos indo além de apenas ouvir os sons, mas se reconhecendo no que ouvem, em um cuidado que traz pontos para reflexão, como “[...] atenção”, “precaução”, “cautela”, “preocupação”, “inquietação”, “diligência”, “encargo”, “incumbência”, “desvelo” (HOLANDA *apud* PEIXOTO; HOLANDA, 2011, p.81).

Resultados e Discussão

Conhecer como a RME de Curitiba concebe o acompanhamento pedagógico no Ensino Fundamental foi a orientação desta leitura interpretativa compreensiva. O solo investigativo principal foi o caderno pedagógico intitulado ‘Subsídios à Organização do Trabalho Pedagógico nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba’ (2012). Este, anuncia em sua introdução ações pertinentes ao pedagogo movidas pelos atos de mediar, articular e transformar o processo educativo, sendo a aprendizagem dos estudantes a questão central do ensino. Aponta, portanto, para as complexidades da ação pedagógica, manifestadas pela RME de Curitiba, ao assumir a dificuldade de expor um caminho para o enfrentamento de inquietações que pulsam na escola.

A tarefa do pedagogo, como mediadora, articuladora e transformadora, é difícil, visto que não há fórmulas prontas a serem seguidas na criação de soluções adequadas para cada dilema da realidade escolar e, também, porque mudar práticas pedagógicas não se resume a um trabalho apenas técnico, mas implica em reconhecer limites, enfrentamentos e inseguranças no próprio trabalho (CURITIBA, 2012, p. 9).

Há, portanto, um chamamento para que o pedagogo esteja presente mediando e articulando o ensino na escola. Entretanto, os sentidos destas ações se mostram velados por suas complexidades das relações interpessoais presentes no dia a dia acadêmico, sem deixar evidente uma prescrição ou sinalização clara que ilumine a ação do pedagogo.

[...] a intenção deste material não é estabelecer regras, mas fornecer subsídios para o trabalho desenvolvido pelos pedagogos nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, constituindo-se como mais um referencial que poderá contribuir para o aperfeiçoamento deste trabalho (CURITIBA, 2012, p. 12).

Assim, desde a introdução são nomeadas ações para a atuação do pedagogo, e no avançar do texto são lançadas pistas para que o mediar, o articular e o transformar, compareçam em distintas tarefas, enfatizando a complexidade e as múltiplas facetas que envolvem o fazer do pedagogo. Isso, nos seguintes tópicos do caderno em tela: o pedagogo e a organização escolar; o Conselho de Escola; o Projeto Político Pedagógico; o Regimento Escolar; Ciclos de Aprendizagem; Educação em Tempo Integral; Educação Infantil; Educação Especial; o pedagogo e as rotinas de trabalho; Plano de Ação do pedagogo; Formação Continuada; Planejamento; Plano de Apoio Pedagógico; Livro Didático: análise e escolha; Avaliação; Processo de Regularização da Vida Escolar do

Estudante e Rede de Proteção.

Em todos os tópicos destaca-se a importância do pedagogo, a começar pela organização dos “momentos de permanência dos professores, de modo a acompanhar, de forma planejada e intencional, o processo de ensino-aprendizagem” (CURITIBA, 2012, p. 31), cabendo a ele

Acompanhar, mensalmente, o registro das intervenções didático-pedagógicas efetivadas pelos professores, orientando e intervindo, sempre que necessário, no planejamento de Ensino, sugerindo adequações metodológicas, uso de estratégias de Ensino e recursos pedagógicos diferenciados, afim de minimizar e superar as necessidades de aprendizagem apresentadas pelo estudante (CURITIBA, 2012, p. 90).

Percorremos o caderno pedagógico por pistas de compreensões e ouvimos autores de que a RME de Curitiba se valeu para sustentar as orientações dadas aos pedagogos, sendo os mais marcantes Garrido e Fullan e Hargreaves. O primeiro autor, define o trabalho do pedagogo pelo “subsidiar e organizar a reflexão dos professores sobre as razões que justificam suas opções pedagógicas e sobre as dificuldades que encontram para desenvolver suas atividades” (GARRIDO *apud* CURITIBA, 2012, p. 9). Tal trabalho visa promover um ato em que o professor se dá conta de sua prática, possibilitando articulação, organização e transformação da prática pedagógica, de maneira a avançar em modos de trabalhar com as fragilidades da rotina escolar. Para os outros autores citados, as instituições necessitam de um profissional que “planeje, decida, coordene, acompanhe, avalie e execute o trabalho pedagógico de forma a atender a todos os segmentos da escola, como organização aprendente” (FULLAN; HARGREAVES *apud* CURITIBA, 2012, p. 9).

Sobre o aluno, cabe ao pedagogo acompanhar a frequência, a participação nas práticas curriculares e o desempenho escolar deste, informações estas advindas do estar junto com o professor. Assim, este pode ir auxiliando e intervindo no processo educativo, cabendo ao pedagogo “acompanhar a frequência dos estudantes, realizando as ações necessárias para o seu retorno à escola, encaminhando a Ficha Individual de Comunicação de Ausência (FICA), quando for o caso” (CURITIBA, 2012, p. 31).

No enlace das ações professor-aluno-pedagogo, fica o acompanhamento de projetos planejados pelos professores a serem desenvolvidos com os estudantes (CURITIBA, 2012). Espera-se que o pedagogo acompanhe estudantes e profissionais que desenvolvem a escolarização e práticas educativas, intervindo na realidade escolar sempre que

necessário para que trajetórias formativas possam ser reorganizadas (CURITIBA, 2012). Cabe ao pedagogo atuar no sentido de organizar momentos de planejamento, acompanhando a rotina das aulas, o desempenho dos estudantes e sua frequência de forma articulada com professores na escola.

Com vistas ao encontro professor e pedagogo, Libâneo e Pimenta (2010) nos auxiliam a vislumbrar traços de um possível encontro, anunciando atividades fecundas e que se interpenetram no fazer pedagógico destes.

Não se trata, obviamente, de submeter o trabalho do professor ao controle do pedagogo. Ao contrário, são especialistas que se respeitam, sem imposição de métodos e sem romper drasticamente com os modos usuais de agir. Ou seja, pedagogos e docentes têm suas atividades mutuamente fecundadas por conta da especialidade de cada um, da experiência profissional, do trato cotidiano das questões de Ensino e aprendizagem das matérias, dos encontros de trabalho em que o geral e o específico do Ensino vão se interpenetrando (LIBÂNEO; PIMENTA, 2010, p. 63).

Para os autores, necessitamos conhecer as funções de todos e respeitá-las para que possamos articular as mesmas sem romper com as especificidades de atuação de cada um. Destaca-se uma complexidade que traz contornos das situações que envolvem a comunidade escolar e o ensino de conteúdos escolares. Neste sentido, o pedagogo vem sendo chamado em

[...] situações em que a atividade docente extrapola o âmbito específico da matéria de Ensino: na definição de objetivos educativos, nas implicações psicológicas, sociais, culturais no Ensino, nas peculiaridades do processo de Ensino e aprendizagem, na detecção de problemas de aprendizagem entre estudantes, na avaliação, no uso das técnicas e recursos de Ensino, etc (LIBÂNEO; PIMENTA, 2010, p. 63).

No caderno pedagógico, encontramos pistas do acompanhamento pedagógico comparecendo pelo ir ao encontro dos professores, estudantes, família e direção escolar. A atuação do pedagogo pode abrir oportunidade de evolução das ações educativas, considerando que “[...] é intrínseco ao ato educativo seu caráter de mediação que favorece o desenvolvimento dos indivíduos na dinâmica sociocultural de seu grupo, sendo que o conteúdo dessa mediação são os saberes e modos de ação” (LIBÂNEO; PIMENTA, 2010, p. 32).

A definição nos permite compreender que, para ocupar-se desta ação, o profissional necessitará imergir no movimento de ‘estar com o outro’, desvelando caminhos que

possam ir se mostrando em relações que se efetivam em práticas pedagógicas no encontro entre professor e pedagogo, podendo o pedagogo ser o

[...] profissional capaz de mediar teoria pedagógica e práxis educativa e deverá estar comprometido com a construção de um projeto político voltado à emancipação dos sujeitos da práxis na busca de novas e significativas relações sociais desejadas pelos sujeitos (FRANCO, 2008, p. 110).

Na escola, mediar a teoria pedagógica e a práxis educativa se mostra como possibilidade de condução à cultura, aos saberes e aos modos de ação, necessitando o pedagogo ocupar-se e preocupar-se com o trabalho pedagógico. Isso porque ele

[...] contribui para a formação continuada dos professores por meio de uma prática reflexiva durante as permanências, as reuniões pedagógicas, os Conselhos de Classe, a Semana de Estudos Pedagógicos e os grupos de estudo, também incentivando e indicando a participação em cursos e seminários de aperfeiçoamento. A equipe pedagógica deve planejar essas práticas de formação para que as mesmas se efetivem no interior da escola (CURITIBA, 2012, p. 71).

No horizonte da contribuição para formação do professor, brechas podem surgir para um encontro impulsionado pela mesma preocupação de professor e pedagogo, ou seja, o aprender do aluno. Entre as atribuições do pedagogo da RME de Curitiba está o avaliar, cabendo ao pedagogo “acompanhar e avaliar a efetivação do planejamento, por meio de assessoramento ao professor nas permanências e durante as aulas, da análise dos materiais dos estudantes [...] e da análise dos resultados de aprendizagem” (CURITIBA, 2012, p. 82), e também “fazer um diagnóstico do desempenho dos estudantes, juntamente com os professores de cada turma, [...], orientando o trabalho pedagógico (CURITIBA, 2012, p. 103). Estas questões também estão estabelecidas no Decreto n. 1313/2016, onde situa como atribuição do pedagogo

Coordenar a organização do trabalho pedagógico, junto ao coletivo de profissionais da unidade, no acompanhamento dos processos educativos relativos ao currículo, planejamento e avaliação, na formação continuada, nas relações com as famílias e no fortalecimento da gestão democrática (CURITIBA, 2016).

O documento mostrou o trabalho pedagógico tendo a coordenação e a organização como linhas condutoras para mediação surgir no cotidiano escolar, no sentido de que

[...] a atuação do pedagogo escolar é imprescindível na ajuda aos professores no aprimoramento do seu desempenho na sala de aula (conteúdos, métodos, técnicas, formas de organização da classe), na análise e compreensão das

situações de Ensino com base nos conhecimentos teóricos, ou seja, na vinculação entre as áreas do conhecimento pedagógico e o trabalho de sala de aula (LIBÂNEO, 1996, p.127).

A ajuda mencionada, solicita ser planejada com intencionalidade pedagógica, de forma a promover o encontro professor e pedagogo com propósitos de aprendizagem aos estudantes.

No estudo do caderno pedagógico, um dos verbos mais presentes para designar as tarefas do pedagogo vem a ser o articular: “[...] articular, na escola, o trabalho pedagógico realizado na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental [...]” (CURITIBA, 2012, p. 37). Ação marcada por unir, planejar, estabelecer relação entre (CALDAS AULETE, 2009), que se mostra possível no entrelaçamento do acompanhamento pedagógico pelo cuidado de estar junto, estar entre, da escuta, trazendo rumo ao trabalho pedagógico, articulando e orientando o trabalho do professor, e, se desdobrando na mediação de conhecimentos, para que juntos possam refletir sobre ações pedagógicas. Para isto, podem ser usadas as permanências, incentivadas como momento de estudo e planejamento.

Planejar, organizar e efetivar momentos de estudo com os professores, em reuniões pedagógicas e/ou permanências, sobre o Regimento Escolar para conhecimento dos dispositivos legais (Conselho de Classe, Organização Didática, Avaliação, Recuperação de Estudos, Aproveitamento de Estudos, Direitos, Deveres, Proibições e Medidas Disciplinares etc.), os quais respaldam toda a ação pedagógica e administrativa da escola. [...] Orientar os profissionais, durante as permanências, quanto à elaboração do planejamento para o desenvolvimento das práticas. [...] A permanência deve ser organizada de maneira que contemple, além do acompanhamento do planejamento, outras situações que envolvem o cotidiano escolar, tais como: acompanhamento das condições acadêmicas ou de aprendizagem de estudantes (Plano de apoio pedagógico individualizado - PAPI, encaminhamentos clínicos, frequência, rendimento escolar, análise de portfólios e outros materiais), estudos de textos que fundamentem a prática pedagógica, bem como o acompanhamento da atuação docente e de cursos realizados pelos professores, possibilitando troca de experiências entre eles (CURITIBA, 2012, p. 25, 35 e 71).

Com estes apontamentos, reiteramos que a preocupação do pedagogo com o aprimoramento da prática pedagógica se mistura às ocupações do cotidiano, sustentando atividades que se estabelecem nos afazeres de professor e pedagogo. Assim, entendemos que o cuidado como ocupação e preocupação de pedagogo e professor caminham na direção da aprendizagem do estudante, anunciando uma forma destes se encontrarem, importando-se de “maneira responsável, comprometida, solícita com o que ocorre

conosco e com o outro com quem somos e estamos” (BICUDO apud PEIXOTO; HOLANDA, 2011, p. 91).

Ao se compreender como mediador, articulador e coordenador do trabalho pedagógico da escola, o pedagogo necessita se perceber no exercício da assistência pedagógico-didática aos professores, auxiliando-os a conceber, construir e administrar situações de aprendizagem dos estudantes (LIBÂNEO, 2001). Cabe aqui a pergunta: como compreender a mediação?

MEDIAÇÃO: Função que relaciona dois termos ou dois objetos em geral. Essa função foi identificada: 1^o no termo médio no silogismo; 2^o nas provas na demonstração; 3^a na reflexão; 4^o nos demônios na religião. 1^b Segundo Aristóteles, o silogismo é determinado pela função mediadora do termo médio, que contém um termo e é contido pelo outro termo (ABBAGNANO, 2007, p. 655).

Qual seria o termo médio da mediação do pedagogo com o professor? Se o silogismo vem na condição de premissas ou proposições, poderíamos compreender que, se historicamente coube ao “*paedagogus*” acompanhar algo ou alguém, então são inerentes as suas tarefas à mediação como uma forma de revelar o acompanhamento pedagógico?

2~ Segundo a Lógica de Port-Royal, a M. é indispensável em qualquer raciocínio. “Quando apenas a consideração de duas ideias não é suficiente para se julgar se o que deve fazer é afirmar ou negar uma ideia com a outra, é preciso recorrer a uma terceira ideia, simples ou complexa, esta terceira ideia chama-se intermediária”. LOCKE dizia: “As ideias intermediárias, que servem para demonstrar a concordância entre outras duas, são chamadas de prova; quando, com esse meio, percebe-se com clareza e evidência a concordância ou discordância, elas são chamadas de demonstração”. [...] O mesmo acontece quando queremos confrontar duas ou mais ideias; a arte do raciocínio nada mais é que o desenvolvimento desse princípio e as consequências dele resultantes” (ABBAGNANO, 2007, p. 655).

Em situações do cotidiano escolar, por vezes difíceis e nos levam a buscar possibilidades, podemos acolher esta fala quando ela se refere à necessidade de termos uma terceira ideia, podendo aqui ser uma forma de ação do pedagogo, sendo o intermediário, puxando as ações para uma média aceitável, que resida no cuidado com o ensino do estudante. Compreende-se que a mediação vem a ser a mediação de saberes e modos de ação, o pensar da teoria pedagógica e da práxis educativa como possibilidade de condução à cultura, no encontro com o outro, escutando e refletindo. Ainda, segundo Hegel apud Abbagnano (2007), mediação é

3ª [...], a M. é a reflexão em geral: “Um conteúdo pode ser conhecido como verdade só quando não é mediado por outro, quando é finito, quando, portanto, medeia-se consigo mesmo, sendo assim, o todo em uma, M. e a relação imediata consigo mesmo. “Em outras palavras, a reflexão exclui não só a imediação, que é a intuição abstrata, o saber imediato, mas também a “relação abstrata”, a M. de um conceito com um conceito diferente (as provas de LOCKE), que Hegel considera típica (e com razão) do século do Iluminismo (ABBAGNANO, 2007, p. 655).

Assim, de que forma o encontro professor e pedagogo pode ocorrer sem que a figura do pedagogo venha assombrar o professor ou vice-versa? Um encontro pensado na escuta e no diálogo poderia ser uma abertura?

Considerações finais

Ao encaminharmos nossas leituras interpretativas compreensivas, constatamos que o caderno pedagógico da RME de Curitiba não revela explicitamente o encontro pedagogo-professor. Entretanto, as leituras mostraram aberturas para este, compreendendo a preocupação de ambos na aprendizagem do estudante.

Os documentos analisados primeiramente revelaram algo imperativo, mostrando o que fazer, mas ao estudá-los, entendemos a necessidade do estar junto, do encontro como modo de alcançar o que as prescrições solicitam do pedagogo. Destaca-se o cuidado e a escuta como modos possíveis para o encontro professor e pedagogo.

A ação do pedagogo voltada para a prática pedagógica pode favorecer a prática docente e, como consequência, a aprendizagem dos estudantes, portanto, o pedagogo como mediador da prática educativa, comprometido com a construção de um projeto político, com vista à emancipação dos sujeitos e significativas relações sociais desejadas por estes (FRANCO, 2003).

Ainda para Franco (2008), a Pedagogia se constitui como curso de graduação que realiza “a análise crítica e contextualizada da educação e do ensino enquanto práxis social, formando o pedagogo, com formação teórica, científica e técnica com vistas ao aprofundamento na teoria pedagógica [...]” (FRANCO, 2008, p. 149), ou seja, o pedagogo assume a função de articular ações pedagógicas, no entanto, a experiência vivida com pares mostrou que alguns pedagogos não conhecem e não se reconhecem em suas funções.

Neste sentido, as tarefas que descrevem o que se espera deste profissional, e as urgências do solicitado pela escola, marcam a distância entre o pedagogo-professor. Estes, se limitando por vários momentos a situações de indisciplina dos estudantes e preenchimentos de documentos burocráticos, esvaziando a chance de um planejamento que permita a efetivação de objetivos educacionais e possibilitadores “da mediação entre o conhecimento e a ação, ou seja, ajuda a efetivar a relação entre teoria e prática” (LIBÂNEO, 2004, p. 149).

Os esclarecimentos vindos das leituras interpretativas compreensivas abriram horizonte para o cuidado e a escuta como possibilidade do encontro professor e pedagogo, buscando compreender e conhecer as necessidades de cada um para o acontecer do acompanhamento pedagógico na escola.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 655 e p. 747.

ARANHA, M. L. de A. **História da educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

BAUMANN, A. P. P. **Características da formação de professores de Matemática dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com foco nos cursos de Pedagogia e Matemática**. 2009. 241f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro-SP, 2009. Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Viggiani Bicudo.

BICUDO, M. A. V. **A hermenêutica e o trabalho do professor de Matemática**. Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos. A Sociedade, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 63-95, 1991.

_____, M. A. V. **A Fenomenologia do Cuidar na Educação**. In: PEIXOTO, A. J.; HOLANDA, A. F. (Org.). Fenomenologia do cuidado e do cuidar: perspectivas multidisciplinares. Curitiba: Juruá, 2011, p. 85-91.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer n. 5/2005**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília-DF, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/ CP n. 1, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília-DF, 2006. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_rcp0106.pdf?query=LICENCIATURA. Acesso em: dez. 2023.

CALDAS AULETE, F. J. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

CAMBI, F. *História da Pedagogia*. 3. reimp. São Paulo: Unesp, 1999.

CAMPANUCCI, T.M.V. **O acompanhamento pedagógico nos anos finais do ensino fundamental: aberturas para o encontro professor-pedagogo**. 2021. 145f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e em Matemática. Curitiba.

CURITIBA. Secretaria Municipal de Educação. **Subsídios à Organização do Trabalho Pedagógico nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba**, 2012.

CURITIBA. **Decreto n. 1313/2016 de 15 de dezembro de 2016**. Altera o Decreto Municipal n. 35, de 14 de janeiro de 2016, na parte referente às atribuições de Pedagogia Escolar do cargo de Profissional do Magistério da Administração Direta. Curitiba, 2016. Disponível em: <http://www.leismunicipais.com.br> Acesso:dez. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FRANCO, M. A. R. S. **Pedagogia como ciência da educação**. Campinas-SP: Papyrus, 2003.

_____. **Pedagogia como ciência da educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 12. ed. (parte I). Tradução: Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 2002.

HOLANDA, A. F. **A Fenomenologia do Cuidar na Educação**. In: PEIXOTO, A. J.; HOLANDA, A. F. (Org.). *Fenomenologia do cuidado e do cuidar: perspectivas multidisciplinares*. Curitiba: Juruá, 2011, p.67-83.

LIBÂNEO, J. C. **Que Destino os Educadores Darão à Pedagogia?** In: PIMENTA, S. G. (org.). *Pedagogia, Ciência da Educação?* São Paulo: Cortez, 1996, p. 107-132.

_____. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. *Educar*, Curitiba, n. 17, p.153-176, 2001.

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MALDANER A. S. **Formação do pedagogo para o Ensino da Matemática nos Anos Iniciais: um olhar para os currículos das universidades federais no Brasil**. 2020. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências e em Matemática, Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2020. Orientadores: Tania Teresinha Bruns Zimer e Sérgio Camargo.

PEIXOTO, A. J. , HOLANDA, A. F. (Org.) **Fenomenologia do Cuidar na Educação**. *Fenomenologia do cuidado e do cuidar: perspectivas multidisciplinares*. Curitiba: Juruá, 2011.

SAVIANI, D. **Sentido da Pedagogia e Papel do pedagogo**. *Revista da ANDE*, São Paulo, n. 9, p. 27-28, 1985.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed. rev. Campinas: Autores

Associados, 2008.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. 1. Reimp. Campinas-SP: Autores Associados, 2012.

Submissão: 10/05/2023. **Aprovação:** 19/12/2023. **Publicação:** 20/12/2023.